

MERCADO DE TRABALHO

Desempenho recente do mercado de trabalho e perspectivas

Sumário

Os principais dados de emprego no país mostram que o mercado de trabalho brasileiro segue em trajetória positiva, marcado pela queda da desocupação e, mais recentemente, pela recuperação dos rendimentos. Por certo, embora se verifique uma acomodação da população ocupada nos últimos meses, a taxa de desocupação continua se reduzindo devido ao recuo da força de trabalho. Adicionalmente, o bom desempenho do emprego formal e a melhora dos indicadores de subocupação e desalento ratificam este quadro de maior dinamismo.

De acordo com os dados mensais produzidos pelo Ipea,¹ com base nas séries de trimestres móveis da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), em outubro de 2022, a taxa de desocupação dessazonalizada ficou em 8,2%, alcançando o menor patamar desde abril de 2015. Desta forma, a população desocupada que chegou a 15,4 milhões, em maio de 2021, vem recuando sistematicamente, de modo que o contingente de 8,9 milhões, apurado em outubro de 2022, é o menor já observado desde julho de 2015 (8,6 milhões). Nota-se, entretanto, que, ao contrário do verificado ao longo de grande parte do processo de retomada do mercado de trabalho, iniciado em meados de 2021, a queda da desocupação no último trimestre não foi proporcionada pela expansão da ocupação, mas sim por uma retração da força de trabalho.

De fato, mesmo diante de um aumento de 5,4% da população ocupada, em outubro de 2022, na comparação com o mesmo período de 2021, na margem, este contingente de trabalhadores vem perdendo dinamismo. De acordo com os dados dessazonalizados, verifica-se que, após atingir o maior patamar da série em junho de 2022 (100,5 milhões), o total de ocupados recuou levemente nos últimos meses, de modo que, em outubro, esta soma era de 98,7 milhões, o que representa uma queda de 1,8%. Deve-se ressaltar, no entanto, que grande parte deste arrefecimento recente da ocupação ocorreu nos setores informais da economia. Por certo, embora, na comparação interanual, o total de ocupados sem carteira no setor privado, em outubro de 2022, ainda apresente alta de 9,6%, os dados dessazonalizados mostram que, de junho a outubro, houve retração de 5,2% deste contingente. No caso dos trabalhadores por conta própria sem Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), esta queda é ainda mais significativa, tendo em vista que, em outubro de 2022, o total de pessoas nesta condição era 6,7% menor que o registrado no mes-

Maria Andréia Parente Lameiras

Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Carlos Henrique Corseuil

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea

carlos.corseuil@ipea.gov.br

Lauro Ramos

Técnico de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea

lauro.ramos@ipea.gov.br

Felipe Mendonça Russo

Assistente de pesquisa na Disoc/Ipea

felipe.russo@ipea.gov.br

Divulgado em 13 de dezembro de 2022.

1. As séries mensalizadas foram obtidas a partir da metodologia desenvolvida por Marcos Hecksher, disponível em: <<https://bit.ly/3VOuWnv>>.

mo período de 2021 e 8,4% menor que o apontado em junho de 2022. Em contrapartida, os empregos formais apresentam um desempenho mais favorável. Em relação a outubro de 2021, os ocupados com carteira no setor privado, no setor público e os por conta própria com CNPJ avançaram 7,1%, 13,9% e 10,0%, respectivamente. Já em relação a junho de 2022, os dados dessazonalizados de outubro mostram que, enquanto os ocupados com carteira no setor privado recuaram 1,9%, os ocupados no setor público e os por conta própria com CNPJ cresceram 6,3% e 3,7%, respectivamente.

Nota-se, entretanto, que a força de trabalho vem apresentando uma trajetória ainda mais amena que a ocupação, garantindo, por conseguinte, a desaceleração da taxa de desemprego. Se, por um lado, os dados, em outubro de 2022, mostram alta de 1,4% na força de trabalho na comparação interanual, por outro, observa-se que a série dessazonalizada indica que este montante recuou 2,5% de junho a outubro, passando de 110,5 milhões para 107,7 milhões.

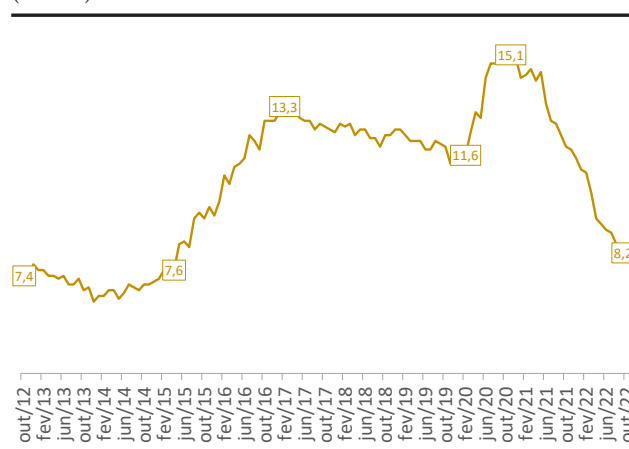
Já os dados extraídos da PNAD Contínua trimestral apontam que, na comparação com o mesmo período de 2021, todos os segmentos pesquisados apresentaram queda da taxa de desocupação no terceiro trimestre de 2022. Assim como verificado no trimestre anterior, em que pese o fato de que, proporcionalmente, no terceiro trimestre de 2022, a maior queda da taxa de desemprego tenha ocorrido no grupo de trabalhadores com idade entre 25 e 39 anos, o aumento da ocupação foi mais intenso entre os trabalhadores mais jovens (8,4%) e os mais idosos (15,6%). No caso da desagregação por escolaridade, a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que, proporcionalmente, a queda mais acentuada da taxa de desocupação, novamente, aconteceu entre os trabalhadores com ensino superior, com alta de 7,6% da população ocupada. Por fim, a abertura setorial revela que, à exceção da agricultura, todos os demais setores pesquisados pelo IBGE apresentaram, no terceiro trimestre de 2022, crescimento interanual da ocupação, com destaque para os segmentos de serviços pessoais (24,0%), indústria extrativa mineral (13,0%), serviços domésticos (9,6%) e transporte (9,2%).

1 Aspectos gerais

Em outubro, após a mensalização das séries trimestrais extraídas da PNAD Contínua, a taxa de desocupação ficou em 7,7%, recuando 3,5 pontos percentuais (p.p.) na comparação interanual. Em termos dessazonalizados, a desocupação de 8,2%, em outubro de 2022, alcançou o menor patamar desde abril de 2015 (gráfico 1). Por conseguinte, o número de desocupados vem recuando sistematicamente, passando de 11,9 milhões para 8,3 milhões entre outubro de 2021 e 2022. De modo semelhante, a série dessazonalizada mostra que a população desocupada de 8,9 milhões em outubro é a menor desde julho de 2015 (8,6 milhões).

Se esta queda da desocupação, em termos interanuais, reflete o bom desempenho da população ocupada, na margem, a retração da força de trabalho é a principal responsável pelo recuo do desemprego. Ainda de acordo com a série mensal obtida a partir dos dados da PNAD Contínua, em outubro, o número de ocupados na

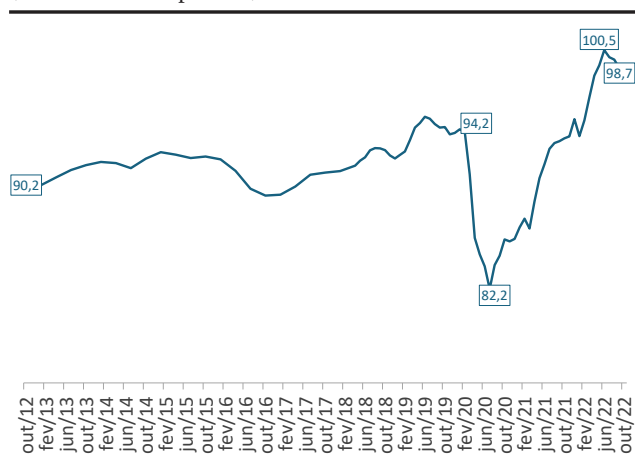
GRÁFICO 1
Taxa de desocupação dessazonalizada
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

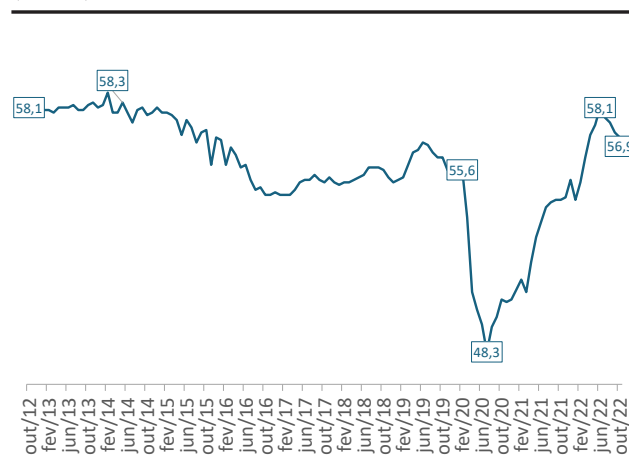
economia brasileira era de 100,2 milhões, avançando 5,4% na comparação anual. Já os dados dessazonalizados revelam que, após atingir a soma de 100,5 milhões de ocupados em junho de 2022, este contingente recuou, chegando a 98,7 milhões em outubro (gráfico 2). Conseqüentemente, a taxa de ocupação também vem caindo nos últimos meses, embora ainda apresente variações interanuais positivas. Em outubro, após a dessazonalização, a proporção de ocupados em relação ao total da população em idade ativa era de 56,9% (gráfico 3).

GRÁFICO 2
População ocupada: dados dessazonalizados
(Em milhões de pessoas)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

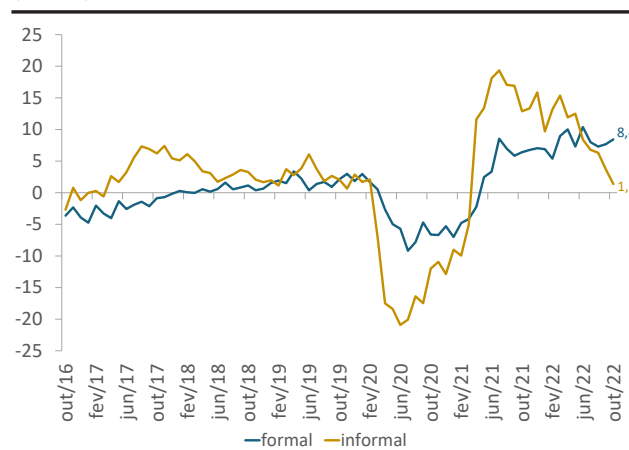
GRÁFICO 3
Taxa de ocupação dessazonalizada
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Disc/Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Deve-se ressaltar, no entanto, que grande parte deste arrefecimento da ocupação nos últimos meses vem ocorrendo no segmento informal² da economia comparativamente ao formal³ (gráfico 4). Por certo, os dados desagregados mostram que, embora, na comparação interanual, o total de ocupados sem carteira no setor privado, em outubro de 2022, ainda apresente alta de 9,6%, os dados dessazonalizados mostram que, de junho a outubro, houve retração de 5,2% desse contingente. No caso dos trabalhadores por conta própria sem CNPJ, a queda é ainda mais significativa, tendo em vista que, em outubro de 2022, o total de pessoas nesta condição era 6,7% menor que o registrado no mesmo período de 2021 e 8,4% menor que o apontado em junho de 2022. Em contrapartida, os empregos formais apresentam desempenho mais favorável. Em relação a outubro de 2021, os ocupados com carteira no setor privado, no setor público e os por conta própria com CNPJ avançaram 7,1%, 13,9% e 10,0%, respectivamente. Já em relação a junho de 2022, os dados dessazonalizados de outubro mostram que, enquanto os ocupados com carteira no setor privado recuaram 1,9%, os ocupados no setor público e os por conta própria com CNPJ cresceram 6,3% e 3,7%, respectivamente.

GRÁFICO 4
População ocupada por vínculo empregatício
(Em %)¹



Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: ¹ Variação interanual.

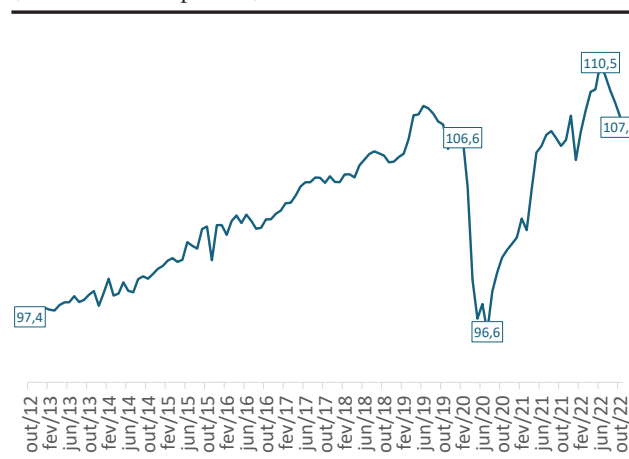
2. Ocupação informal compreende o trabalhador sem carteira nos setores privado e público, o trabalho doméstico sem carteira, o empregador sem CNPJ, o por conta própria sem CNPJ e o trabalhador familiar auxiliar.
3. Ocupação formal compreende o trabalhador com carteira nos setores privado e público, os militares e estatutários, o trabalho doméstico com carteira, o empregador com CNPJ e por conta própria com CNPJ.

Os dados mostram ainda que, mesmo diante da perda de dinamismo da ocupação, a taxa de desocupação segue em desaceleração, beneficiada pelo desempenho ainda mais modesto da força de trabalho. Após registrar uma taxa média de crescimento interanual acima de 4% no primeiro semestre de 2022, a população ocupada vem reduzindo o seu ritmo de expansão nos últimos meses, de modo que, em outubro, o aumento observado foi de apenas 1,4%. Na série livre de sazonalidade, os dados mais recentes já mostram o recuo deste contingente, tendo em vista que, de junho a outubro, a força de trabalho passou de 110,5 milhões para 107,7 milhões (gráfico 5). Desta forma, a taxa de participação também vem cedendo nos últimos meses, chegando a 62% em outubro (gráfico 6).

Assim como vem ocorrendo com a desocupação, as estatísticas do mercado de trabalho também apontam o recuo da população subocupada⁴ e desalentada.⁵ Em outubro, 5,5 milhões de trabalhadores se declararam subocupados, o que representa queda de 26,9% na comparação interanual. Logo, o percentual de subocupados em relação ao total da ocupação caiu de 8,0% para 5,5%, entre outubro de 2021 e 2022. Por conseguinte, a taxa combinada de desocupação e subocupação chegou a 13,4% em outubro, situando-se no menor patamar desde dezembro de 2015 (gráfico 7). Já em relação ao desalento, observa-se que, em outubro de 2022, o número de desalentados no país era de aproximadamente 4,0 milhões, 18,1% menor que o de outubro de 2021. Com isso, a proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho chegou a 3,7% em outubro (gráfico 8).

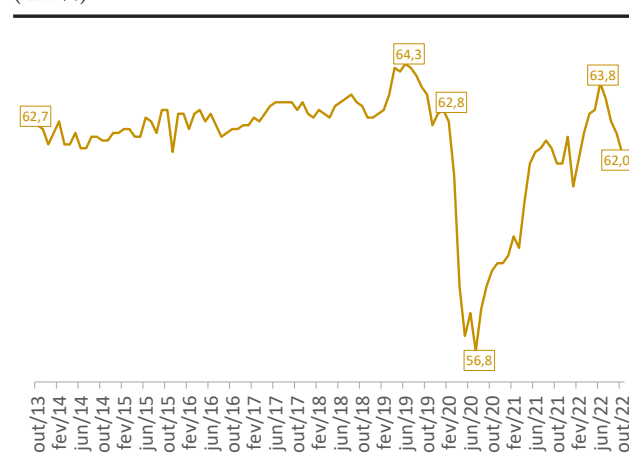
Por fim, em consonância à pesquisa do IBGE, os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) também retratam *performance* melhor do emprego formal. Segundo as estatísticas divulgadas pelo Ministério do Trabalho, nos doze meses encerrados em outubro de 2022, a economia brasileira gerou mais de 2,34 milhões de novas vagas com carteira assinada. Desta forma, o estoque de trabalhadores formais, obtido por meio da incorporação dos saldos registrados pelo Caged, chegou a 43,0 milhões, em outubro, o que representa alta de 5,8% na comparação com o mesmo período do ano anterior (gráfico 9).

GRÁFICO 5
Força de trabalho: dados dessazonalizados
(Em milhões de pessoas)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 6
Taxa de participação dessazonalizada
(Em %)

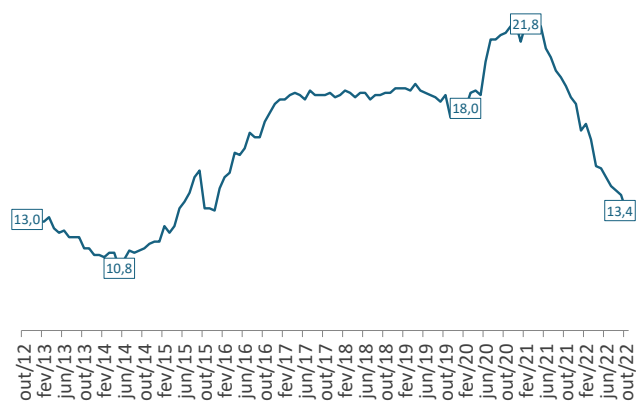


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4. Segundo o IBGE, o conceito de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas se refere à população que está trabalhando menos de quarenta horas semanais, mas tem disponibilidade e gostaria de trabalhar mais.

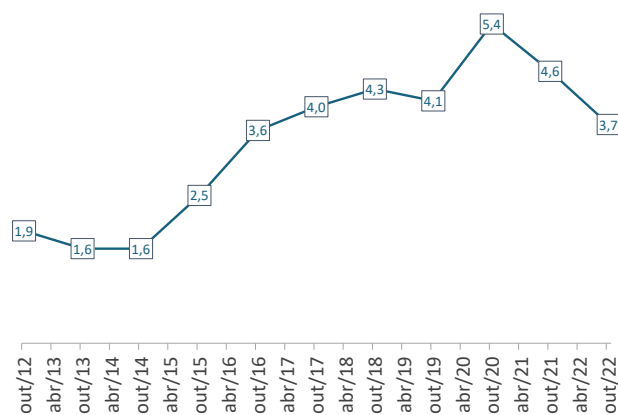
5. Segundo o IBGE, desalentados são pessoas que gostariam de trabalhar e estariam disponíveis, porém não procuraram trabalho por acharem que não encontrariam.

GRÁFICO 7
Taxa combinada de desocupação e subocupação
(Em %)



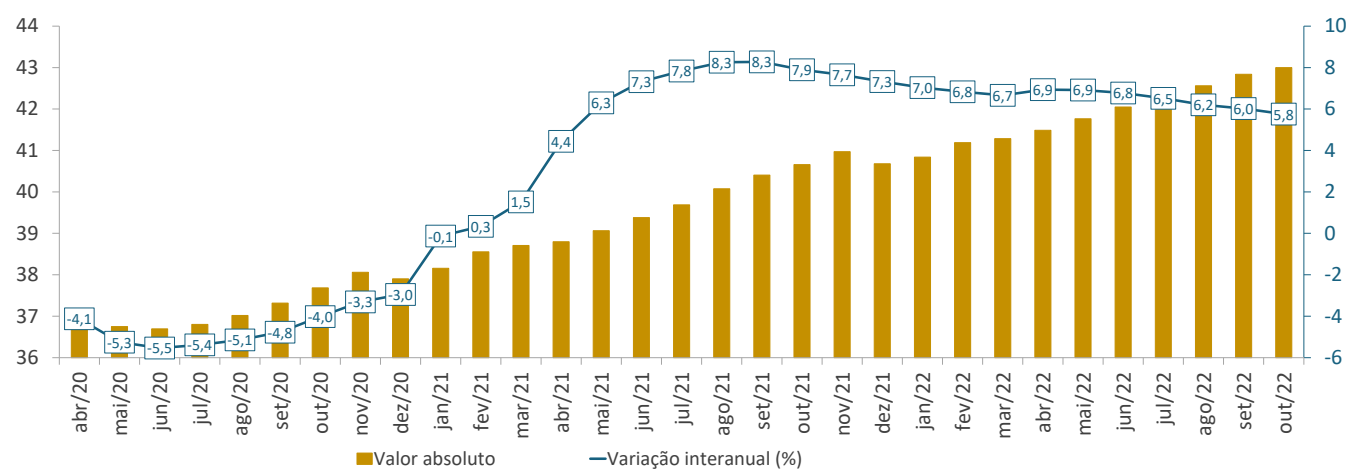
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 8
Proporção de desalentados em relação à população fora da
força de trabalho
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9
Novo Caged: estoque de empregos formais, em valor absoluto (milhões de pessoas) e variação interanual
(Em %)



Fonte: Novo Caged.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

2 Análise dos fluxos de ocupação e desocupação

Um retrato mais detalhado do mercado de trabalho pode ser obtido por meio da análise dos determinantes da evolução da ocupação e do desemprego sob uma perspectiva dinâmica, pelo exame da evolução das transições entre diferentes posições ocupadas pelos indivíduos no mercado de trabalho, complementando a tradicional análise da evolução dos estoques. Para tal, utilizam-se os microdados da PNAD Contínua, cuja estrutura prevê que domicílios e seus moradores sejam entrevistados cinco vezes, sempre com um intervalo de três meses, per-

fazendo um ano entre a primeira e a eventual quinta entrevista. Assim, a comparação da informação fornecida em duas entrevistas permite quantificar as transições individuais entre diferentes posições ocupadas no período compreendido pelas entrevistas.⁶

O gráfico 10 mostra os fluxos de entrada e saída para a ocupação total,⁷ que são normalizados pela população ocupada estimada no segundo trimestre de 2022. A diferença entre as duas linhas do gráfico é equivalente, por construção, ao crescimento percentual da população ocupada no respectivo trimestre. É possível observar que, diversamente do primeiro e do segundo trimestres de 2022, em que se notou estabilidade no fluxo de entrada na ocupação, houve redução de 49,0% para 44,9% entre o segundo e o terceiro trimestres desse mesmo ano. Não obstante, o panorama de crescimento da população ocupada se manteve, devido à continuidade da queda do fluxo de saída da ocupação (de 45,9% para 43,9%), fazendo com que este se mantivesse abaixo do fluxo de entrada.⁸

Já o gráfico 11 mostra os mesmos fluxos de entrada e saída, só que para o emprego formal. Da mesma forma que o de ocupação total, registra-se uma queda tanto nos fluxos de entrada quanto nos de saída no terceiro trimestre de 2022, em comparação ao trimestre anterior (de 50,1% a 46,7%; e de 47,5% a 45,7%, respectivamente), mas o saldo é positivo devido à menor magnitude do fluxo de saída. Ainda neste gráfico, são mostradas as movimentações segundo os dados do Novo Caged⁹ (as linhas pontilhadas no mesmo gráfico), e pode-se constatar que o fluxo de saída (desligados) também é inferior ao fluxo de entrada na formalidade (admitidos) no terceiro trimestre de 2022 (12,6% contra 10,9%, respectivamente), o que gerou aumento no saldo trimestral de 1,7%. Vale destacar que, diferentemente da PNAD Contínua, as taxas de admitidos e desligados do Novo Caged apontam estabilidade em relação ao trimestre anterior.

Para compreender essa redução comentada nos fluxos de entrada e saída da ocupação, torna-se necessário analisar a evolução recente de componentes desses movimentos. O gráfico 12 traz a evolução dos fluxos de entrada na ocupação provenientes do desemprego e da inatividade separadamente. É possível notar que ambos os componentes contribuem para a queda do fluxo de entrada de trabalhadores na condição de ocupados. Destaque para a queda registrada no componente relacionado ao fluxo do desemprego para a ocupação, que passa de 2,6% para 2,0% entre o segundo e o terceiro trimestres de 2022, o que o coloca abaixo dos níveis anteriores à pandemia para esse trimestre. Esse movimento reverte uma tendência de crescimento que vinha sendo registrada nos últimos trimestres, o que pode ser um sinal de alerta para a continuidade da trajetória de queda na taxa de desemprego que tem sido a tônica em 2022.

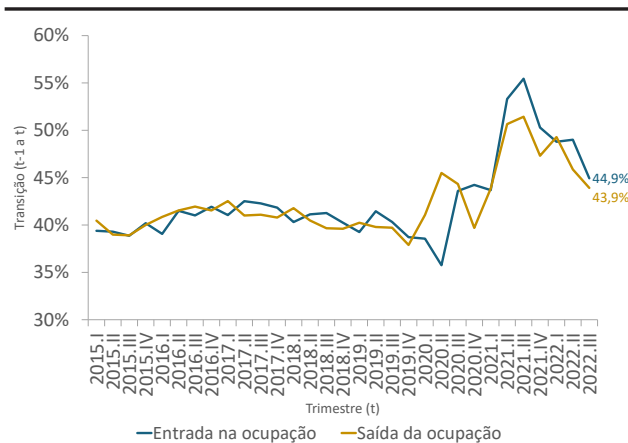
6. Vale dizer que o IBGE disponibiliza apenas um código identificador do domicílio, de forma que, para seguir a sequência de entrevistas de um mesmo indivíduo, foram usados também o gênero e a data de nascimento dos entrevistados.

7. Além disso, foi calculado o saldo da soma de todas as variações no peso amostral dos indivíduos que permaneceram ocupados de um trimestre para o outro. Quando esse saldo no trimestre é positivo, é acrescido na série das entradas; quando é negativo, na série das saídas.

8. Desses percentuais, a maior parte (aproximadamente 40%) corresponde a entradas e saídas da amostra, que aproximadamente se compensam.

9. Embora os dados do Novo Caged sejam disponibilizados em bases mensais, optamos por reportar as movimentações acumuladas em trimestres para facilitar a comparação com os dados da PNAD Contínua.

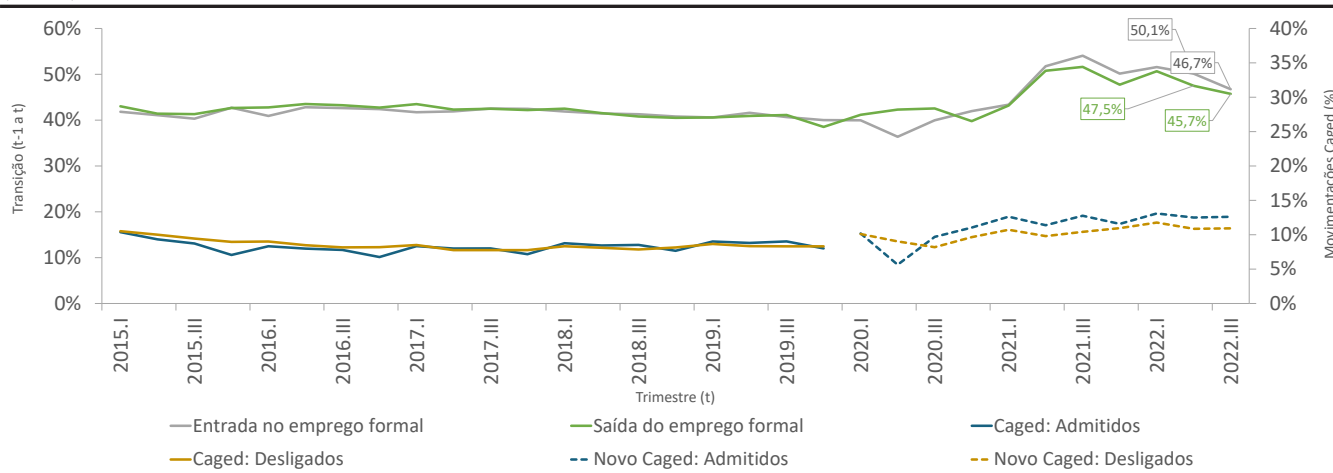
GRÁFICO 10
Fluxos de saída e de entrada para ocupação após um trimestre
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 11

Fluxos de saída e entrada para empregados formais¹ após um trimestre e movimentações de vínculos do Caged e Novo Caged (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

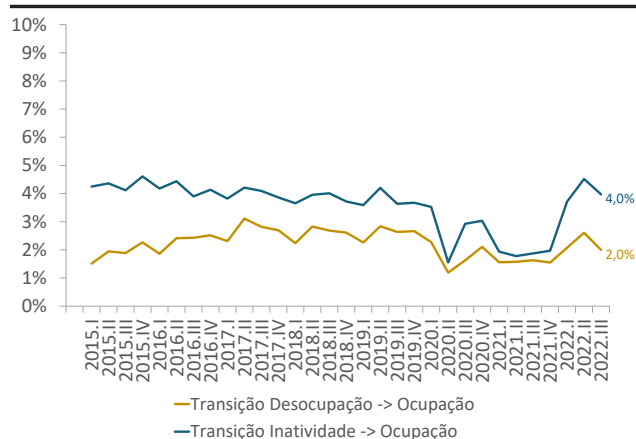
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Empregados com carteira.

O gráfico 13, referente aos componentes do fluxo de saída da ocupação, mostra uma relativa estabilidade no fluxo de saída para ocupação com destino tanto para o desemprego como para a inatividade. Isso contribui para corroborar a preocupação com a evolução da ocupação e da taxa de desemprego no futuro próximo, na medida em que não se contrapõe ao desbalançamento identificado para os fluxos de entrada.

GRÁFICO 12

Decomposição das entradas para a ocupação após um trimestre (Em %)

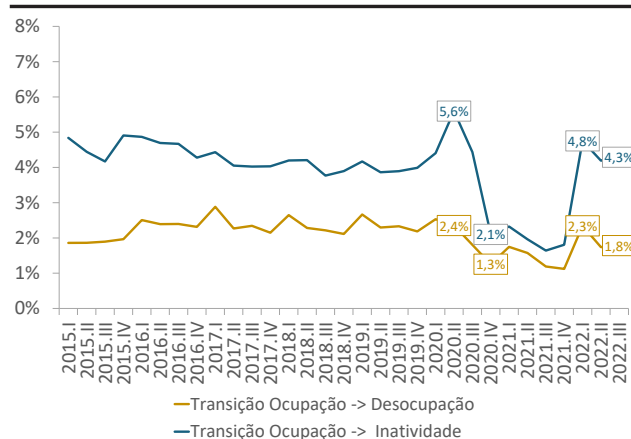


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Ipea.

GRÁFICO 13

Decomposição das saídas da ocupação após um trimestre (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

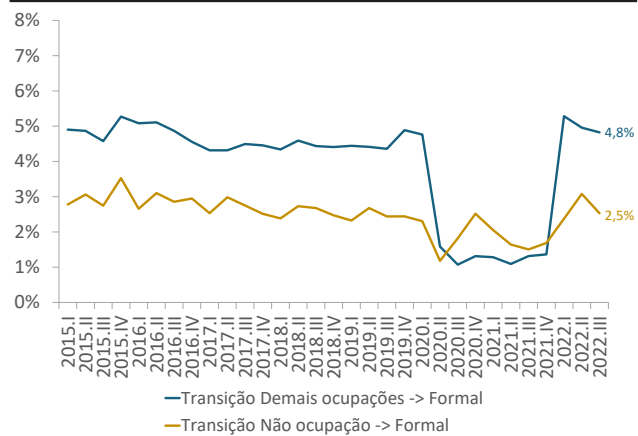
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por fim, vale notar que a estabilidade nos fluxos de saída da ocupação não condiz com a queda reportada para esse fluxo agregado no gráfico 10. O motivo dessa aparente contradição é que a análise feita nos gráficos 12 e 13 foi restrita a indivíduos identificados na amostra da PNAD Contínua nos dois trimestres consecutivos utilizados para construir os fluxos. Além disso, no gráfico 10, a queda no fluxo de saída pode ser explicada pela

redução no fluxo de pessoas que estavam ocupadas e passam a ficar de fora da amostra da PNAD Contínua (de 39,9% para 37,8%), como evidenciado pelo gráfico 14.¹⁰

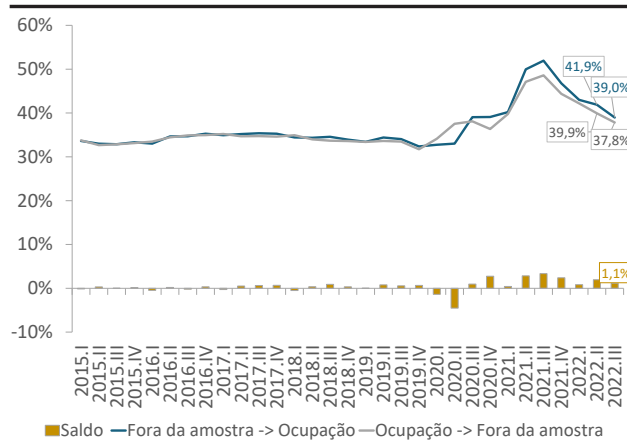
De forma análoga, os gráficos 15 e 16 desagregam os fluxos de entrada e saída do emprego formal por posições na ocupação. O cenário se assemelha bastante ao observado no emprego total, ao haver uma redução do fluxo de entrada no emprego formal (gráfico 15), com destaque para aquele proveniente da não ocupação (de 3,1% para 2,5%), acompanhada de certa estabilidade nos fluxos de saída do emprego formal, tanto para as demais ocupações quanto para a não ocupação (gráfico 16). Nesse caso, o alerta fica por conta da possibilidade de desaceleração/reversão do aumento do emprego formal que vem acontecendo ao longo de 2022.

GRÁFICO 15
Decomposição do fluxo de entrada para o emprego formal¹ após um trimestre
(Em %)



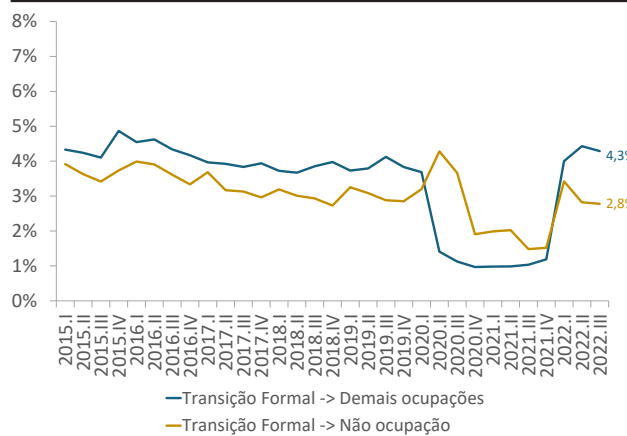
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: ¹ Empregados com carteira.

GRÁFICO 14
Fluxos de indivíduos que transitam da ocupação para fora da amostra da PNAD Contínua e vice-versa
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 16
Decomposição do fluxo de saída do emprego formal¹ após um trimestre
(Em %)



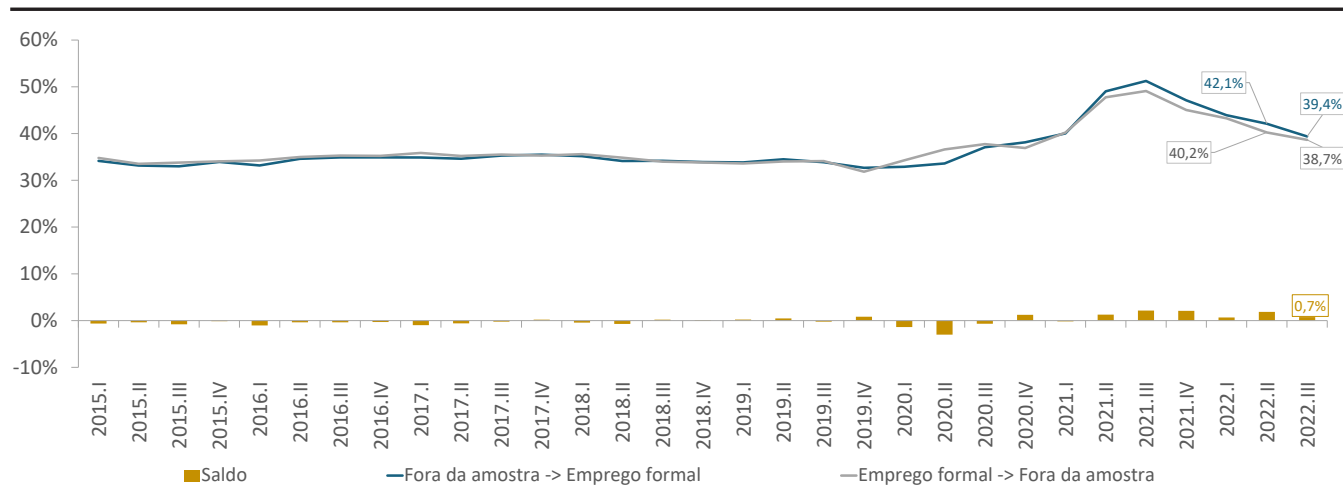
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: ¹ Empregados com carteira.

Também de forma análoga à análise feita para os componentes dos fluxos para a ocupação total, só é possível compreender a redução da saída do emprego formal (retratada no gráfico 11) ao observar a diminuição do componente relativo aos trabalhadores que saem da amostra da PNAD Contínua estando previamente em empregos formais, conforme ilustrado no gráfico 17.

10. Vale ressaltar que esse fluxo proveniente de fora da amostra da PNAD Contínua para a evolução da população ocupada sempre apresentou magnitudes relativamente altas, mas estáveis; porém, a partir da pandemia, passou a registrar variações mais voláteis.

GRÁFICO 17

Fluxos de indivíduos que transitam do emprego formal para fora da amostra da PNAD Contínua e vice-versa (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Análise desagregada da desocupação

Os dados desagregados, extraídos da PNAD Contínua trimestral, mostram que, no terceiro trimestre de 2022, houve, novamente, um recuo significativo do desemprego, em relação ao mesmo período do ano passado, para todos os segmentos pesquisados (tabela 1). Na abertura regional, a pesquisa mostra que, embora em todas as regiões a desocupação no terceiro trimestre tenha ficado bem abaixo da registrada no mesmo trimestre de 2021, essa queda foi mais intensa no Centro-Oeste, cuja taxa recuou de 9,8% para 6,5%, no período em questão. Em termos absolutos, a menor taxa de desocupação é a da região Sul (5,2%), enquanto o maior desemprego está na região Nordeste (12,0%). Já em relação às regiões metropolitanas e não metropolitanas, houve queda do desemprego em ambos os segmentos, cujas taxas de desocupação passaram de 14,9% e 10,9% no terceiro trimestre de 2021 para 10,4% e 7,4% em 2022.

O recorte por gênero revela que, na comparação interanual, a magnitude da queda do desemprego foi semelhante em ambos os sexos, de modo que, enquanto a desocupação entre os homens recuou de 10,1% para 6,9%, a das mulheres caiu de 15,9% para 11,0%. Já a desagregação por posição familiar indica redução da desocupação mais forte entre os não chefes de família (10,3% ante 15,7%) comparativamente aos chefes de família (6,7% ante 8,7%).

A abertura por idade mostra que todos os segmentos etários registraram expressivo recuo na desocupação. Nota-se que, mesmo diante da perda de dinamismo da ocupação (gráfico 18), esta ainda se expande a taxas mais elevadas que as registradas pela força de trabalho (gráfico 19). Embora, proporcionalmente, no terceiro trimestre, na comparação interanual, as maiores quedas do desemprego tenham sido verificadas nos grupos de trabalhadores com idade entre 25 e 39 anos, o aumento da ocupação entre os trabalhadores mais jovens (18 a 24 anos) e os mais idosos (mais de 60 anos) foi mais significativo. Entre os trabalhadores mais jovens, a retração de 7,7 p.p. na desocupação entre o terceiro trimestre de 2021 (25,7%) e o terceiro trimestre de 2022 (18,0%) é explicada não somente pelo aumento da ocupação (8,4%), mas também pela retração da população economicamente ativa (-1,8%). No caso dos trabalhadores mais idosos, o recuo de 1,7 p.p. na taxa de desocupação ao longo do último ano reflete o aumento de 15,6% da ocupação ante variação de 13,5% da sua força de trabalho.

TABELA 1

Taxa de desemprego
(Em %)

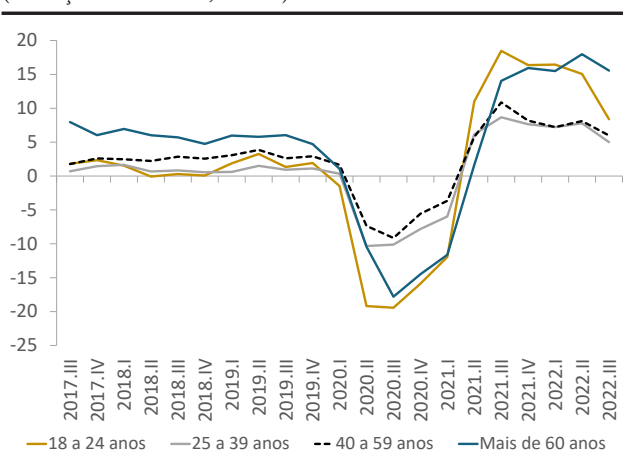
	2019			2020				2021				2022		
	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.
Brasil	12,1	11,9	11,1	12,4	13,6	14,9	14,2	14,9	14,2	12,6	11,1	11,1	9,3	8,7
Centro Oeste	10,4	10,2	9,5	10,7	12,7	12,9	12,1	12,8	11,6	9,8	8,4	8,5	7,0	6,5
Nordeste	14,8	14,6	13,8	15,8	16,5	18,3	17,6	18,9	18,4	16,4	14,7	14,9	12,7	12,0
Norte	12,0	11,9	10,7	12,1	12,0	13,3	12,6	15,0	14,1	12,0	11,2	11,7	8,9	8,2
Sudeste	12,5	12,0	11,5	12,5	14,2	15,7	15,1	15,3	14,6	13,1	11,2	11,1	9,3	8,7
Sul	8,1	8,2	6,8	7,7	9,1	9,6	8,4	8,7	8,2	7,5	6,7	6,5	5,6	5,2
Masculino	10,3	10,0	9,2	10,4	12,2	12,9	11,9	12,2	11,6	10,1	9,0	9,1	7,5	6,9
Feminino	14,5	14,3	13,4	14,9	15,5	17,5	17,2	18,5	17,7	15,9	13,9	13,7	11,6	11,0
18 a 24 anos	25,1	25,1	23,2	26,3	28,8	30,6	29,0	30,0	28,5	25,7	22,8	22,8	19,3	18,0
25 a 39 anos	10,9	10,6	10,1	11,0	12,7	13,9	13,4	14,1	13,2	11,5	10,1	10,2	8,3	7,8
40 a 59 anos	7,2	7,1	6,5	7,5	8,7	9,9	8,9	9,6	9,5	8,2	7,2	7,1	6,0	5,6
Mais de 60 anos	4,9	4,6	4,2	4,4	4,8	5,3	5,2	5,9	5,6	5,4	4,4	4,3	4,0	3,7
Não de Chefe Família	15,7	15,2	14,1	15,5	16,9	18,4	17,7	18,6	17,8	15,7	13,6	13,5	11,3	10,3
Chefe de Família	7,8	7,8	7,3	8,4	9,7	10,6	9,8	10,4	9,8	8,7	8,0	8,2	6,9	6,7
Fundamental Incompleto	11,2	11,4	10,6	11,5	13,5	14,7	13,7	14,0	13,8	12,1	10,9	10,8	8,9	8,7
Fundamental Completo	14,1	14,0	12,5	14,0	16,4	17,3	16,7	15,8	15,7	14,0	13,3	12,2	10,4	10,1
Médio Incompleto	20,2	20,5	18,4	20,3	22,3	24,1	23,5	24,2	22,7	20,1	18,4	18,3	15,3	15,3
Médio Completo	13,6	12,9	12,2	14,1	15,4	17,1	16,1	17,1	16,2	14,4	12,6	12,7	10,6	9,7
Superior	8,1	7,7	7,3	8,2	8,6	9,3	9,2	10,3	9,4	8,2	6,7	7,1	5,9	5,3
Região Metropolitana	13,9	13,5	12,7	13,9	16,0	17,7	17,1	17,1	16,3	14,9	13,1	13,1	11,1	10,4
Não Região Metropolitana	10,7	10,6	9,8	11,2	11,8	12,7	12,0	13,2	12,6	10,9	9,6	9,6	7,9	7,4

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 18

População Ocupada - por faixa etária
(Variação interanual, em %)

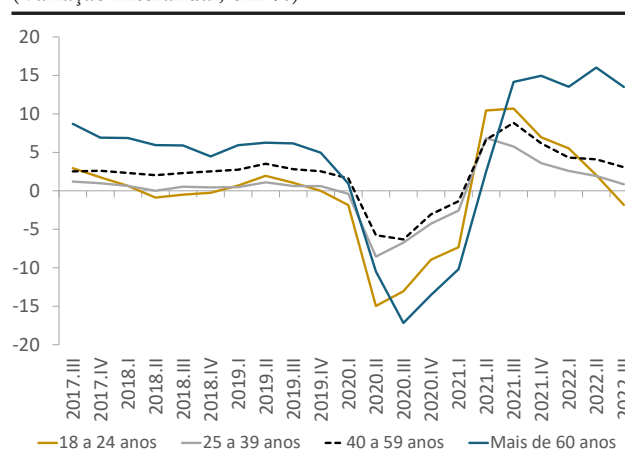


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 19

População Economicamente Ativa - por faixa etária
(Variação interanual, em %)

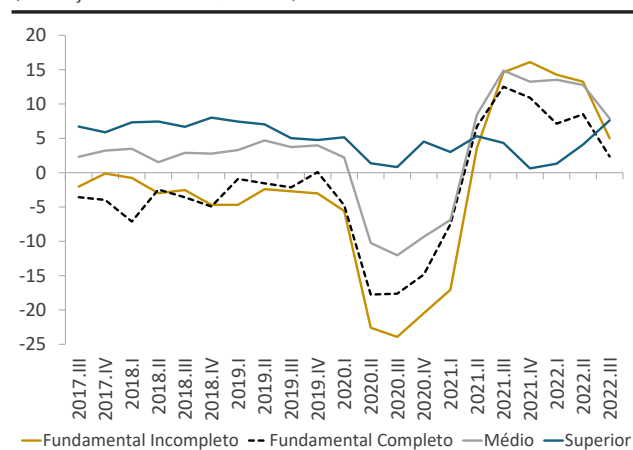


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

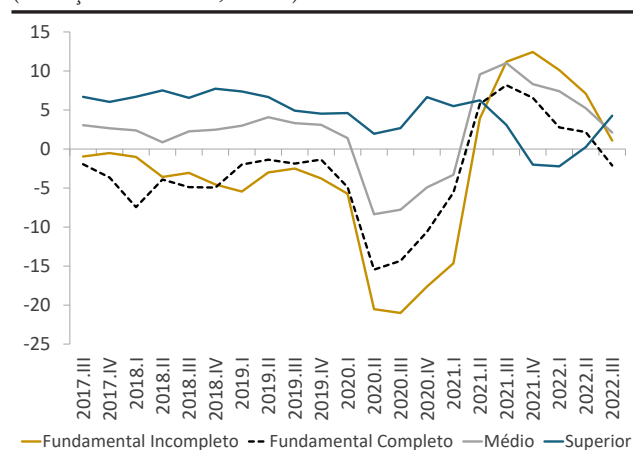
Por fim, o mesmo cenário de expansão da ocupação (gráfico 20) acima da força de trabalho (gráfico 21) explica a queda generalizada da desocupação no terceiro trimestre de 2022, em todos os níveis educacionais. Os microdados da PNAD Contínua revelam que, novamente, a queda mais acentuada da desocupação aconteceu entre os trabalhadores com ensino superior. Entre o terceiro trimestre de 2021 e o terceiro trimestre de 2022, a desocupação dos trabalhadores mais escolarizados caiu aproximadamente 36%, recuando de 8,2% para 5,3%, refletindo uma alta mais intensa da ocupação (7,6%) comparativamente à da força de trabalho (4,3%).

GRÁFICO 20
População Ocupada - por grau de instrução
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 21
População Economicamente Ativa - por grau de instrução
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Emprego setorial

A partir da análise da taxa de crescimento anual do emprego em cada setor de atividade (tabela 2), notam-se dois pontos importantes. Primeiro, é possível observar que a evolução positiva na população ocupada agregada entre os terceiros trimestres de 2021 e 2022 é resultado de melhora generalizada do emprego nesse mesmo período em quase todos os setores considerados, com exceção da agricultura. Esse resultado encerra uma mensagem positiva de que o crescimento da população ocupada não depende do comportamento de um grupo restrito de setores.

Segundo, na comparação com o crescimento anual do emprego registrado no segundo trimestre de 2022, os números para o terceiro trimestre mostram forte desaceleração em alguns setores importantes. Esse é o caso, por exemplo, da construção civil, em que a taxa de crescimento anual do emprego passou de 11,2% para 2,7%. Outros setores que registram desaceleração expressiva do crescimento do emprego anual são os serviços de alojamento e alimentação (de 23,1% para 8,5%), o comércio (de 14,2% para 7,8%) e a indústria de transformação (de 9,6% para 3,6%). Ao todo, oito dos doze setores com crescimento anual positivo do emprego apresentam desaceleração nesse indicador entre o segundo e o terceiro trimestres de 2022.¹¹ Uma vez mais, essa constatação vem reforçar a possibilidade de uma fase de menor intensidade no crescimento da população ocupada, caso os fenômenos apontados tenham continuidade nos próximos trimestres.

Na outra ponta, cabe ressaltar alguns setores que se destacaram por apresentar taxas de crescimento anual do emprego maiores no terceiro trimestre que no segundo. Foi o caso, por exemplo, da administração pública,

11. Completam essa lista a indústria extrativa, os serviços industriais de utilidade pública (Siups), transportes e serviços domésticos.

cujos crescimento passou de 1,8% para 8,8%; e do setor de serviços pessoais, cujo crescimento anual do emprego passou de 18,7% para 24,0%.

TABELA 2

População ocupada por setores: variação interanual
(Em %)

	3º trim. 2020	4º trim. 2020	1º trim. 2021	2º trim. 2021	3º trim. 2021	4º trim. 2021	1º trim. 2022	2º trim. 2022	3º trim. 2022
Agricultura	-2,7	2,1	3,6	11,2	9,7	4,5	2,5	-0,7	-3,6
Indústria Extrativa	-4,9	-11,3	-11,6	-4,8	5,0	12,1	9,8	18,0	13,0
Indústria Transformação	-10,5	-7,3	-5,2	5,3	12,8	9,1	8,2	9,6	3,6
SIUP	-16,5	-26,3	-19,2	-18,6	-13,0	8,1	6,5	15,6	4,8
Construção Civil	-14,7	-9,3	-2,5	22,2	20,1	17,4	12,7	11,2	2,7
Comércio	-12,7	-10,3	-8,2	6,1	13,4	11,6	12,2	14,2	7,8
Informática, Financeira, Serviços a empresas	-6,8	-0,8	0,9	9,1	10,4	7,2	4,0	5,1	6,9
Transporte	-14,0	-11,5	-9,0	4,6	12,6	10,0	10,4	10,0	9,2
Serviços Pessoais	-20,5	-18,3	-17,4	3,5	8,8	14,7	19,5	18,7	24,0
Administração Pública	1,3	1,9	-3,0	-3,0	-3,7	-2,4	2,6	1,8	8,8
Saúde e Educação	-5,4	-2,1	-0,6	-0,2	4,3	3,1	1,5	7,2	8,5
Alojamento e Alimentação	-30,3	-27,6	-26,3	8,8	26,5	23,9	32,5	23,1	8,5
Serviços Domésticos	-27,8	-23,8	-18,6	9,0	21,3	21,7	19,4	18,7	9,6

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ SIUP – serviços industriais de utilidade pública.

Segundo a PNAD Contínua, em valores absolutos, o setor que mais acrescentou trabalhadores à ocupação foi o de comércio, com expansão de 1,3 milhão de indivíduos entre os terceiros trimestres de 2021 e 2022, sendo seguido pelo próprio setor de serviços pessoais, que registrou crescimento de, aproximadamente, 1,1 milhão de pessoas ocupadas em doze meses. Vale destacar: esse último setor registrou o emprego de 5,5 milhões de trabalhadores no terceiro trimestre de 2022, valor esse acima do maior registrado pré-pandemia, no terceiro trimestre de 2019 (aproximadamente 5,1 milhões).

A tabela 3 mostra a variação percentual interanual da ocupação setorial, entre o terceiro trimestre de 2021 e o mesmo de 2022, desagregando por posição na ocupação. Os dados dessa tabela corroboram a análise anterior: alguns setores mostram aceleração, mas a maior parte experimenta desaceleração no crescimento anual do emprego. Nesse último grupo, a indústria de transformação, a construção, o comércio e os serviços de alojamento e alimentação se destacam pela expressiva desaceleração do crescimento interanual do emprego no terceiro trimestre de 2022. A perspectiva alentadora para esses segmentos reside no comportamento do emprego formal, na medida em que esta é a posição na ocupação com maior crescimento anual em três deles, sendo o comércio a única exceção – neste setor, o crescimento do emprego sem carteira ou informal (9,7%) supera o do formal (8,6%).

Ainda de acordo com a tabela 3, merecem destaque os setores de serviços domésticos, construção e Siup, em que a expansão do emprego formal corre em ritmo bem acima do registrado pelo informal. É interessante atentar, sobretudo, para o fato de que tanto os serviços domésticos quanto a construção civil são segmentos em que os contratos informais tendem a predominar. Logo, o maior crescimento do emprego formal nesses setores, caso tenha continuidade, pode ensejar uma diminuição das taxas de informalidade, contribuindo para atenuar a preocupação com esse indicador apontada anteriormente. Por fim, observa-se que os setores de administração pública e serviços pessoais, que mostraram aceleração do crescimento da ocupação no terceiro trimestre, tiveram o assalariamento sem carteira como principal responsável por esse comportamento.

Em suma, a análise do emprego setorial desagregando por posição na ocupação parece indicar que o crescimento do emprego formal tem sido mais consistente e menos errático que o do emprego informal nos diversos setores ilustrados. De fato, todos os setores apresentaram crescimento nesse segmento, seja de acordo com os dados do Novo Caged (primeira coluna), seja com os dados da PNAD Contínua (segunda coluna).

TABELA 3
População ocupada por setores e posição na ocupação: variação interanual (3º trim./2022)
 (Em %)

	Novo Caged*	Com Carteira	Sem Carteira	Conta-Própria
Total	5,5	7,2	12,0	0,9
Agricultura	4,3	6,8	-6,6	-5,8
Indústria Extrativa	3,2	10,7	20,8	33,2
Indústria Transformação	4,0	7,4	4,1	-7,7
SIUP	4,4	6,4	-0,1	0,4
Construção Civil	15,7	10,6	1,7	-2,2
Comércio	5,1	8,6	9,7	3,1
Informática, Financeira, Serviços a empresas	8,9	7,6	24,6	-2,9
Transporte	6,7	6,9	22,4	7,1
Serviços Pessoais	14,9	22,1	50,3	16,9
Adm Pública	1,5	3,2	28,8	-
Saúde e Educação	2,7	2,7	35,4	0,9
Alojamento e Alimentação	16,1	15,5	13,2	-0,4
Serviços Domésticos	-	14,0	8,2	-

Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Novo Caged.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Normalizado pela população estimada pela PNAD Contínua de trabalhadores formais do segundo trimestre de 2021.

² Empregados com carteira, militares e estatutários.

³ Empregados sem carteira e trabalhador auxiliar familiar sem remuneração.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor)
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Diretor Adjunto)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos (Editor)
Fábio Servo
José Ronaldo de Castro Souza Júnior
Leonardo Mello de Carvalho
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter
Andreza Aparecida Palma
Antônio Carlos Simões Florido
Cristiano da Costa Silva
Felipe Moraes Cornelio
Paulo Mansur Levy
Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão
Antonio Henrique Carlota de Carvalho
Caio Rodrigues Gomes Leite
Diego Ferreira
Diego Rosalino Marques
Felipe dos Santos Martins
Izabel Nolau de Souza
Marcelo Lima de Moraes
Pedro Mendes Garcia
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.